

“NAQUELA ÉPOCA TUDO ERA BOM!”: MEMÓRIAS SAUDOSAS DOS EX-FUNICIONÁRIOS DA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA

RAFAEL PORTO RIBEIRO*
FÁBIO RONALDO DA SILVA**
ROSILENE DIAS MONTENEGRO***

O artigo aqui apresentado é um dos resultados referentes a pesquisa desenvolvida pelo Projeto Memória da Ciência e Tecnologia da UFCG. Esse trabalho propõe contribuir para a discussão sobre memória, assim como também a discussão de gênero, a partir do momento em que trazemos uma nova aproximação sobre o entendimento do passado pelos próprios viventes baseados em seus depoimentos. Ao realizar diversas entrevistas com ex-funcionários(as) da antiga Escola Politécnica do Estado da Paraíba na cidade de Campina Grande - Paraíba (que deu origem posteriormente à Universidade Federal de Campina Grande), nos deparamos com uma ideia recorrente entre esses(as) entrevistados(as) sobre a situação em seus ambientes de trabalho. A idealização do passado, transformando-o num lugar de perfeição, beirando a utopia, é uma visão que ocorre com mais frequência do que o imaginado; e nosso objetivo nesse trabalho será problematizar essa visão, trazendo possíveis motivos para essa idealização bem como questionamentos relacionados à questão de gênero nos anos de 1950 a 1970, e o porquê da ausência de queixas relacionadas à posição da mulher nesse trabalho. Será que essa época foi realmente tão boa assim? Encontraremos mesmo igualdades entre os sexos já nesse espaço de tempo? Com a ajuda de entrevistas e embasamentos teóricos sobre essas discussões, procuramos responder essas indagações.

Palavras-Chave: Gênero, Memória, Ciência e Tecnologia.

* UFCG. Graduando em História. Aluno PIVIC/CH/UFCG. E-mail: rafaelporto2@otmail.com

** UFPE. Doutorando em História. E-mail: fabiocg@gmail.com

*** UFCG. Doutora em História. E-mail: rosilenedm@hotmail.com

Pretendemos neste artigo discutir sobre os relatos de memória dos ex-funcionários da Escola Politécnica de Campina Grande, adquirida através de diversas entrevistas realizadas entre 2004 até março de 2013 para o Projeto Memória da Ciência e Tecnologia. Tal trabalho pode fazer parte de uma abordagem da história oral, e assim contribuir para o entendimento do passado recente urbano, assim como o ponto de vista das próprias testemunhas desse tempo anterior. Ainda além, podemos trabalhar as relações de gênero, assunto recorrente nas pesquisas do próprio Projeto Memória, e de importância crescente desde os anos 1980, quando os primeiros estudos sobre essas relações começaram a ganhar fama no âmbito acadêmico brasileiro.

O estudo sobre a memória nunca é uma prática simples, sempre levamos em conta diversas variáveis, procuramos contextos e por fim, escutamos os narradores. Muitas vezes o estudo sobre a memória e oralidade necessita de mais esclarecimentos e conhecimentos prévios, para enfim, podermos responder os questionamentos propostos pela pesquisa.

O conceito de memória se estende para além da esfera de conhecimento da história, como afirma Jacques Le Goff (ano). Do mesmo modo, para compreendermos as consequências complexas dessa ferramenta biológica humana, iremos precisar do auxílio de determinadas ciências, como a Psicologia (e suas ramificações) e a Sociologia.

Memória, em civilizações ágrafas, é ainda mais inexata, fruto da tradição oral, que é conhecida por trazer novas particularidades a cada geração – ou a cada narrador – diferente (LE GOFF, 1988). Por outro lado, esse cenário propicia um treinamento melhor da memória individual. As narrativas orais ainda ficam marcadas pelo rico conhecimento passado, em detrimento da verossimilhança, se comparado a uma narrativa documentada, perpassada pela tradição escrita.

Até meados do século XX, a história se reduzia simplesmente a interpretações dos documentos escritos, e favorecia consequentemente as civilizações onde a memória era imortalizada em sua maioria pela literatura. Essa leitura da história, hoje sabemos, é incapaz de abranger todas as possibilidades do estudo da memória, já que ela possui uma maior peculiaridade justamente onde a escrita é ausente. Só a partir do movimento dos Anales, por volta das décadas de 20 e de 30, é que teremos um favorecimento maior de outras fontes, essas então favorecendo a memória mais flexível, e rica de conteúdo. Não é coincidência

justamente o movimento dos Anales ser reconhecido pela sua interdisciplinaridade entre História, Psicologia, Psicanálise, Sociologia (BURKE, 1991).

Uma das vertentes de estudo dessa nova escola historiográfica é justamente o imaginário das sociedades humanas, que vai contribuir com a compreensão das sociedades estudadas a partir de suas histórias sobre um tempo ou uma época, melhor que o(a) atual (estando esse espaço de tempo no passado ou no futuro), evidenciando, ainda que indiretamente, os desejos coletivos e individuais dos que passam essas narrativas adiante. O conceito de idades míticas é o exemplo mais forte nesse estudo. As idades míticas “são épocas excepcionalmente felizes, (...) sem proibições ou impedimento de tipo algum; (...) quando a idade mítica é tomada como ponto de partida, segue-se-lhe um período de decadência” (ibidem).

Uma narrativa desse modelo trará então um discurso de um passado distante, onde a vida no geral era melhor em todos os aspectos, e (na maioria das vezes) os seres humanos estavam mais próximos da natureza, do divino; essas épocas eram marcadas pelo respeito e pelo pudor. Podemos encontrar esses relatos ricos em significados tanto em civilizações com escrita quanto nas civilizações que não usam dela, como nos casos das narrativas gregas de Hesíodo, Ovídio e até Platão, ou nas histórias perpassadas dentro do grupo étnico indígena dos Guarani. O ponto comum nessas histórias será, como já foi dito, a crença de que o passado era ideal, definitivamente melhor que o momento presente.

Curiosamente, ao realizar entrevistas para as pesquisas do Projeto Memória, nos deparamos com discursos bastante similares a essas narrativas antigas. Deixando claro que com suas distâncias, uma vez que o discurso antigo é de origem mítica, e suas intencionalidades são completamente diferentes dos discursos dos(as) entrevistados(as); porém o conteúdo muitas vezes vai se tornar parecido, o que trará mais questionamentos para o estudo histórico, já que ambas as narrativas serão estudadas com os olhares do especialista em memória – com a ressalva de que as falas dos(as) entrevistados(as) estão inseridas num contexto contemporâneo, urbano, e repleto de várias outras características trabalháveis.

Apresentando a Escola Politécnica

De acordo com José Stênio Lopes (1989) a implantação do ensino superior em Campina Grande era uma aspiração idealizada por muitos na década de cinquenta do século

passado, ou mesmo em datas que antecederam essa década; e para se tornar realidade muitos obstáculos tiveram que ser vencidos. Um dos principais motivos para a implementação de uma escola de nível superior na cidade foi atender aos estudantes campinenses e da região que desejavam adquirir uma formação escolar e profissional em nível superior, mas para isso precisavam se deslocar para outros estados ou regiões para fazer graduação ou para seguir carreira universitária. A essa justificativa presente nos relatos dos fundadores da Escola Politécnica soma-se, também, a necessidade das elites campinenses em criar lugares de atuação profissional e trabalho para os seus filhos. Na cidade, as opções para a colocação profissional para as elites se limitavam praticamente ao comércio e a política. De modo que os poucos profissionais liberais da cidade ocupavam as também poucas colocações de emprego e atuação profissional nas áreas da saúde, ciências jurídicas e ensino, as quais eram cada vez mais demandadas, apresentando carência de profissionais para atender essas demandas.

A conjuntura política no Estado da Paraíba era bastante favorável à criação de instituições de ensino superior. O governador do Estado (1951-1956) o escritor e também político José Américo de Almeida incentivou e apoiou a criação de instituições de ensino superior. Projeto que se constituía um das marcas de sua atuação no governo. Todavia, a mesquinhez das disputas políticas entre as elites da capital paraibana, João Pessoa, e a cidade de Campina Grande, pólo comercial algodoeiro, tendia a apequenar as propostas tocantes à educação. Em entrevista com os fundadores da Escola Politécnica foram taxativos os relatos sobre as dificuldades enfrentadas pelo grupo fundador dessa instituição. O engenheiro Químico, fundador e professor da Escola Politécnica, José Marques de Almeida Jr, chamado de Dr. Zezé Marques, recordando as discussões, tensões e dificuldades para a criação da primeira instituição de ensino superior em Campina Grande com projeto de formação na área técnica, em particular, de engenheiros, afirma:

O general Oliveira Leite queria um curso [em nível] médio em Campina Grande. Desse modo argumentei que, um curso médio já existia no SENAI e o que queríamos era uma Escola [em nível] Superior. Ele se opôs por que batalhava a criação desta mesma Escola em João Pessoa (LOPES, 2004: 11)

O caminho empreendido pelos fundadores foi árduo, todavia bem estruturado. Os fundadores da Escola Politécnica conseguiram transformar a idéia inicial de criação de uma

escola de nível superior em projeto consistente, convincente e pertinente de uma escola de caráter técnico-científico para a formação de graduados em Engenharia Civil, que segundo Edvaldo de Souza do Ó (s/d), era uma proposta do Governador José Américo de Almeida.

Os argumentos foram seguros e unânimes, passando-se logo a outra sugestão, que foi a da criação de uma Escola Politécnica, começando com o curso de Engenharia Civil. Aceita unanimemente essa idéia, designou-se uma comissão constituída dos senhores José Marques de Almeida Jr., Giuseppe Gióia, Austro de França Costa e Antônio da Silva Moraes, para posteriormente se reunirem e redigirem um convite a todos os técnicos do Estado, solicitando-lhes a presença a uma reunião, em que o assunto fosse mais largamente debatido. (DO Ó, s/d.: 25)

Antônio Ildelfonso de Albuquerque Melo, ex-professor e pioneiro da Politécnica, também relata como foi o processo de criação da Escola em Campina Grande e as dificuldades advindas da capital para que a instituição não fosse criada em uma cidade do interior.

Escola Politécnica resultou de uma conversa entre um pessoal de Campina Grande com o governador José Américo de Almeida, da qual houve o entendimento prévio, mas havia uma disputa muito grande com João Pessoa. Havia um general¹ que queria ser o chefe e achava que Campina Grande não era digna de ter uma Escola de Engenharia, desejando que esta fosse criada em João Pessoa. Naquele tempo, existiam diversos órgãos filiados a Engenharia de Produção Mineral que funcionavam realmente. Hoje, o Brasil é um caos, não tem mais uma organização das carreiras de Engenharia. Antigamente havia uma densidade relativa de técnicos em Campina Grande e, por conta disso, era perfeitamente viável a criação de uma Escola Politécnica, bem como a criação de uma Escola de Economia. Nessa época, existia muito despeito de João Pessoa com Campina Grande, tudo que era para Campina Grande era difícil, mas José Américo comprometeu-se e cumpriu. (MELO, 2004: 05)

Os debates para a criação da Escola Politécnica prosseguiram até que em 6 de outubro de 1952, em reunião presidida pelo General Oliveira Leite com técnicos, realizada na Associação Comercial de Campina Grande, foi criada a Escola Politécnica de Campina

¹ O general que o entrevistado está se referindo é o general Oliveira Leite, que foi contrário a criação da Escola Politécnica, propondo a criação da Escola de Química.

Grande, sob a Lei nº 792, no governo de José Américo de Almeida, com o curso de Engenharia Civil. Todavia, seu funcionamento só foi autorizado em 14 de julho de 1953, através do Decreto Federal de número 33.286, aprovado pelo presidente Getúlio Vargas. Como nos fala o ex-diretor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, a Escola Politécnica

foi criada em [19]52, mas só teve vestibular em [19]54, quer dizer a primeira turma entrou, foram nove alunos que entraram no começo de 54. Muitos professores que tinham assinado como possíveis titulares de disciplinas eram pessoas que moravam em João Pessoa e depois não demonstraram maior interesse, até porque os salários eram muito baixos. (ALBUQUERQUE, 2005: 03)

O primeiro vestibular da Politécnica ocorreu em 1954, e o reconhecimento do curso em outubro de 1958, ainda neste último ano, se formou a primeira turma de engenheiros dessa Escola.

Memórias e histórias

Os(as) entrevistados(as) durante as pesquisas do Projeto Memória deram depoimentos sobre a época em que trabalhavam ou estudavam na Escola Politécnica, enfatizando fatores como as relações com os(as) demais colegas de trabalho/estudo. Um fator comum na maioria das entrevistas destas pessoas é exatamente a aparente perfeição da época em que trabalhavam/estudavam naquela escola. Justamente uma época marcada no cenário brasileiro por manifestações de repressão por parte do governo (o golpe militar de 1964), e problematizada como local de desigualdades entre os gêneros.

A depoente “C.A.R.”, em entrevista realizada em maio de 2004, reforça a ideia de que os empregados possuíam um bom relacionamento entre si, e que questões de discriminação não existiam – na verdade, não havia queixa alguma (por parte dela) sobre a situação do ambiente na época:

O ambiente era bom. Era uma turma amiga..., Todos solidários..., Foi um período muito bom. Eu não tenho o que dizer da turma. Assim..., em termo de ambiente de amizade... Toda vida era uma turma amiga, éramos muito unidos.

A depoente ainda narra um período da sua vida como funcionária da Escola Politécnica onde ela nem mesmo recebia salário pelos seus serviços – o chamado “pró-labore”, ainda trazendo apenas elogios à época. Apesar então de tantas supostas adversidades daquele tempo, ainda assim era um tempo melhor que o presente? As relações sociais, enfatizadas pela entrevistada, eram bem próximas, respeitadas, assemelhando-se às relações familiares.

Existem alguns argumentos que se repetirão nas entrevistas citadas, devemos olhar com um cuidado ainda maior esses tais argumentos a fim de desenvolvermos nossas teorias.

A Depoente “C”, em entrevista realizada em Setembro de 2009, comenta os tempos dela como estudante no curso de Engenharia Elétrica. No discurso dela, veremos que existia sim uma espécie de discriminação, ainda que mascarada por outros sentimentos:

(...) Logo que eu comecei era porque era engenheira, porque era mulher, porque era jovem, né? Então, primeira coisa era a surpresa. Às vezes você ficava sentindo que tinha uma certa desconfiança, né?
(...) Não quer dizer que por detrás tem o preconceito escondido, né?
(MONTENEGRO, 2012: 200)

Fica evidente, pela fala da entrevistada, que ela realmente não via essa relação de “proteção” como preconceito, apesar de reclamar que, em alguns momentos, os colegas e os professores mais antigos não confiavam inteiramente nela, colocando-a sempre para fazer seus trabalhos com um tutor por perto. A depoente ainda deixa parecer que sua passagem pela graduação foi satisfatória, mas narra casos vividos durante a pós-graduação fora do país onde aí sim, diz ter sofrido preconceito; ainda que preconceito de origem. Essa última narrativa demonstra que a entrevistada possuía uma sensibilidade às discriminações que porventura sofria, portanto, provou-se capaz de criticar um momento do seu passado.

A Depoente “A”, em entrevista concedida em outubro de 2009, traz à tona um ponto de vista bem peculiar, ao afirmar que as situações nas relações de gênero foram praticamente as mesmas, desde onde ela começa a perceber tais relações até os dias de hoje:

(...) Mas, do ponto de vista profissional mesmo, você sentia aí, ainda hoje acho que faz sentido, que pra você ser considerado um bom profissional enquanto mulher você tem que ser melhor do que os homens, para eles lhe respeitarem, entendeu? Você pode ser muito bom enquanto um engenheiro, mas para você ser engenheira, você tem que ser ótima para ser no mínimo aceitável como boa. Então essa

situação assim de impor do ponto de vista do gênero sempre existiu e sempre vai existir, né? (MONTENEGRO, 2012: 200)

Observando o depoimento da entrevistada, vemos que a mesma observa sim uma presença de discriminação de gênero, mas afirma ser um preconceito imputado na sociedade, e que este tipo de preconceito é o mesmo (em intensidade e em prática) que vemos nos dias de hoje – mais ainda: não acredita que veremos essa situação mudar.

A depoente “B”, em entrevista também concedida em outubro de 2009, já traz um discurso bem categórico, com garantias de que não percebia discriminação de gênero em sua época. As relações sociais então seriam abertas entre os estudantes, claro que ainda com grupos de interesse:

Nós não sentíamos discriminação de gênero, não, certo? Era muito mais assim, os grupos de amigos, de estudo, de relacionamento, eles se dividiam muito em função do desempenho, tá certo! Então os alunos que se saíam melhor, que tinham o melhor desempenho, eles eram, formavam seus ambientes. (MONTENEGRO, 2012: 200)

Essa última depoente afirma que não sentia um preconceito aparente no ambiente de estudo, apesar de perceber uma determinada formação de pequenos grupos de amizade (onde possivelmente se encontraria o preconceito de gênero, se esse existisse), mas estes eram formados de acordo com afinidades em êxitos acadêmicos – como se o mais bem-sucedido fosse o formador desses grupos.

As três últimas entrevistadas citadas aqui neste artigo² eram estudantes do curso de engenharia elétrica da Escola Politécnica, enquanto que a primeira trabalhou como funcionária no arquivo geral da mesma escola. Estas entrevistas representam o imaginário de algumas das mulheres que conviveram no espaço que foi a Escola Politécnica, que tinha uma identidade tipicamente masculina ligada aos estudos oferecidos na Escola. Talvez por isso encontramos uma quantidade mínima de estudantes no quadro daquela época, bem como também não encontramos muitas funcionárias fora das funções de secretariado ou tesouraria.

Talvez estas testemunhas do passado não tenham vivido realmente uma situação de preconceito, ou talvez a idolização do passado, ao criar uma relação afetiva com o próprio

² Essas três últimas entrevistas também foram trabalhadas no artigo “Relações de gênero na Escola Politécnica de Campina Grande (1952-1979)”, da Professora Rosilene Dias Montenegro. Esse artigo se encontra publicado na obra : “Gênero e Identidades Sexuais, Práticas e Representações Sociais” (Editora da Universidade Federal de Campina Grande) de 2012.

tempo anterior, bloqueou as memórias desagradáveis e os discursos negativos sobre o tempo anterior. Essa relação afetiva com o passado pode ser fruto dos bons momentos vividos naquela época aliados às expectativas crescentes das estudantes/funcionárias por suas situações na escola. Estar fazendo parte do grupo da Escola Politécnica (seja como funcionária, seja como estudante) representava um prestígio enorme na sociedade urbana campinense, e era motivo de orgulho dos familiares, segundo relatos dos próprios entrevistados.

Esses fatores positivos também podem ser apontados como os fatores responsáveis pelos discursos que elogiam a época passada. Na histeria dessas novas vivências, excitantes e especiais, os momentos mais desagradáveis podem passar despercebidos, ou ignorados, a fim de manter uma memória favorável sobre um momento da vida idolizado para muita gente, não só para os entrevistados como também para os entrevistadores: Os primeiros anos da vida adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales – 1929 – 1989**: A revolução Francesa da Historiografia. Tradução de Nilo Odália, São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande – Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste**. Campina Grande, Editora Tecnal: S/D.

Ó, Edvaldo de Souza do. **Politécnica**: Primeira Escola Superior de Campina Grande. Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda.

SILVA, Fábio Ronaldo da; MONTENEGRO, Rosilene Dias; AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (org.). **Gênero e identidades Sexuais Práticas e Representações Sociais**. Campina Grande: EDUFCEG, 2012.